

Tiroteio pára por uma hora votação no Rio

RIO — O dia das eleições no Rio apresentou alguns incidentes, como o sumiço de uma urna, a prisão de uma presidente de mesa e a repressão à boca-de-urna em diversos pontos da área metropolitana. Ao todo, foram 10 prisões em flagrante e 170 detenções. No incidente mais grave, na Favela do Amarelinho, em Irajá (Zona Norte), o TRE pediu reforço do 9º Batalhão de Polícia Militar e do Batalhão de Operações Especiais (Bope).

Traficantes da área, próxima ao Complexo de Acari, não quiseram permitir a entrada da polícia no Ciep Adão Pereira Nunes, onde havia três seções eleitorais. Após a chegada do reforço, houve tiroteio e uma granada explodiu. Mas não houve feridos ou detidos. A votação parou por quase uma hora.

Na Favela da Rocinha, em São Conrado (Zona Sul), dois policiais do 23º BPM (Leblon), que retiravam cartazes de candidatos, ouviram estampidos e pensaram que fossem tiros. A polícia acredita que era um aviso dos traficantes, alertando para

a presença de policiais.

O presidente da 101ª seção, da 87ª Zona Eleitoral, em São Gonçalo, no Grande Rio, Hebert Monteiro, foi levado à 72ª DP para prestar esclarecimento sobre o desaparecimento da urna de sua seção. O juiz eleitoral Plínio Pinto Coelho determinou que Monteiro fosse detido por ser o responsável pelo material desaparecido. Como o incidente ocorreu antes do início da votação, por volta das 7 horas, o TRE teve tempo de providenciar outra urna.

A presidente da mesa da 603ª seção, da 24ª Zona Eleitoral, Leila Cristina Brás de Lima, foi presa em sua casa pelos policiais da 35ª DP, de Campo Grande (Zona Oeste), por não ter comparecido à seção para trabalhar. Segundo o juiz eleitoral Milton Ramos Santos, responsável pela fiscalização daquela seção, Leila afirmou, em seu depoimento, que sentiu-se mal por estar grávida. A ausência da presidente atrasou em cerca de sete horas o início da votação, mas o incidente foi contornado e Leila foi liberada pelo juiz.